

**“Sacar al gobierno de nuestras vidas”: Relatos da Insurreição e da repressão  
covarde na Comuna de Oaxaca (2006)**

***Necesitamos caminar solos***

*Algunas veces siento que los índios  
Esperamos la llegada de un hombre ;  
Que todo lo puede,  
Que todo lo sabe,  
Que nos puede ayudar a resolver  
Todos nuestros problemas.*

*Sin embargo, ese hombre que todo lo puede  
y que todo lo sabe  
nunca llegará;  
porque vive con nosotros,  
se encuentra entre nosotros  
camina con nosotros;  
aún duerme,  
pero ya está despertando.*

***Natalio Hernández Xocoyotzin***

***Poeta Náhuatl***

*Tirado de Miguel León Portilla, “Visión de Los Vencidos: Relaciones Indígenas de la Conquista”. UNAM, 2005.*

Segundo o antropólogo David Graeber, “os grandes poderes têm-se entregado a uma ideologia que diz que as verdadeiras revoluções já não podem acontecer.”<sup>1</sup> É uma construção internalizada que permeia inclusive o pensamento de uma esquerda ensimesmada, conformada em aceitar que os protagonistas da política sejam apenas os governos e os grandes capitalistas. Esses setores conformistas trataram então de adotar taticamente essa tal política que desqualifica continuamente qualquer exercício de autonomia democrática que mantenha distância dos formatos standardizados que “nosso pensamento ocidental apenas professa”. Como afirma Graeber, “muita gente acha isto *confuso e perturbador*, então escolhem acreditar que não está acontecendo nada, ou que essas pessoas estão iludidas, são desonestas ou ingênuas”.

---

<sup>1</sup> “David Graeber narra Revolução de Kobane”. Entrevista de Graeber para Pinar Ögünç’s em dez/ 2014. In: <http://outraspalavras.net/destaques/david-graeber-narra-a-revolucao-de-kobane-que-derrotou-isis/>. Acessado em 28/01/2015.

Entretanto, as coisas “confusas e perturbadoras” seguem acontecendo<sup>2</sup>. Mirando nossos olhos para diversos pontos do globo, podemos tomar conhecimento de levantes populares recentes, que colocaram o Poder em desafio – e, infelizmente tiveram também como resposta a pura covardia e a violência do Estado. No sul do México, o Estado de Oaxaca está localizado entre esses enclaves que reúnem resistência, autodeterminação e invenções de outros léxicos para o exercício da democracia, em que a insurreição popular conhecida como a Comuna de Oaxaca é uma expressão social radical e profunda (Cf. NAVARRO, 2008)<sup>3</sup> dessa luta popular: o levante de 2006 atingiu patamares inimagináveis ao tomar a capital do Estado e dissolver as esferas administrativas do Governo.

Os acontecimentos em Oaxaca vão muito além da revolta, sendo mais a erupção generalizada de um **modo de vida** que remete à diversidade que caracteriza o Estado, aos costumes dos chamados *pueblos originários*<sup>4</sup>, às populações indígenas e, por isso mesmo, este modo de vida reúne toda a criatividade e o espírito de resistência que emanam desses povos. Oaxaca foi um momento de desafio ao poder e de imposição de um “outro” exercício da política. Ao mesmo tempo, foi um momento dramático e agudo da História, que condensa os 520 anos de tragédia no México e na América Latina (Cf. OLIVARES, 2008)<sup>5</sup>. O circo dos horrores promovido pelo governo federal mexicano em associação com as estruturas de poder local em Oaxaca: uma história de agressão, covardia, seqüestros, estupros, torturas e assassinatos em pleno “Estado de Direito”.

“*En Oaxaca no passa nada execepto la revolución*”, um muro pixado avisa quem circula pela cidade. De fato. 520 anos colocados frente ao espelho se refletem

---

<sup>2</sup>Graeber estava se referindo à revolução social protagonizada em Kobane, no Curdistão Sírio. Ainda assim, esse não é um registro isolado de experiências radicais de democracia autônoma na História Recente.

<sup>3</sup> NAVARRO, Luis Hernández. “Oaxaca: Imágenes de la batalla”. In: “*Memorial de Agravios. Oaxaca 2006*”. Oaxaca: Marabu Ediciones, 2006.

<sup>4</sup> *Pueblos Originários*: expressão comumente utilizada entre a literatura acadêmica e movimentos sociais mexicanos para se referirem a sociedades indígenas que habitavam e ainda habitam o território agora conhecido como México; ou seja, antes da conquista espanhola no século XV. Ao longo da presente dissertação, manteremos esta expressão em língua espanhola, reforçando o seu caráter conceitual: o de que essas sociedades indígenas habitavam o atual território mexicano desde sua origem, antes da invasão européia.

<sup>5</sup> “*La población de origen español forma como una capa que se pudre encima de la oscura masa de los salvajes*” (D. H. Lawrance *apud* OLIVARES, 2008, p. 17).

num ambiente urbano incandescente, vivo, em que uma cidade outrora ocupada pelo turismo estrangeiro e refém da circulação do dinheiro que chega com os visitantes-colonizadores se converte num “laboratório social no qual surgem novas capilaridades, novas formas coletivas de expressão” (OLIVARES, 2008, p.16)<sup>6</sup>. Por cinco meses, Oaxaca foi tomada pelas barricadas, pelos alegres acampamentos com lona multicolores, as senhoras nas praças tecendo e cosendo a certeza de que anos à espera da Revolução haviam terminado, muros e edifícios enfeitados por pixo, lambes e stencil; Oaxaca viveu uma expressão social radical e profunda, onde o povo se encarregou de manter a ordem. “Assembléias como espaços de encontros, comunicação, informação, análise, reflexão e tomada de acordos. Conselhos como fonte de autoridade e orientação política. E as comissões como mecanismo associativo” (NAVARRO, 2008, p. 23). A resistência indígena como referência para a formação de um tecido associativo denso e estruturado: as trincheiras para o desenvolvimento da resistência popular. Oaxaca respondeu dessa maneira aos vazios do poder que a dominavam, cada pária e cada despossuído finalmente exercendo seu autogoverno, mesmo que confinados em 5 esquinas que fizeram daquelas barricadas as suas próprias vidas (Cf. NAHON, 2008).

Fim de maio de 2006. O Zócalo (praça principal) da cidade de Oaxaca estava tomado pela Seção XXII do *Sindicato Nacional de Trabajadores de La Educación* (SNTE). O movimento docente montou um acampamento na praça principal, como forma de fazer um plantão para suas demandas que em muito ultrapassaram a questão do reajuste salarial: exigiam mais concursos, livros e desjejum para os alunos. Estas eram petições que estavam na mesa do governador Ulissez Ruiz Ortiz (PRI) já há seis meses. Segundo o relato muito vivo e honesto de Sergio de Castro Sanchez<sup>7</sup>, Ulisses Ruiz era um governador duplamente odiado pela população pobre e indígena de Oaxaca: ganhou a eleição por meio de uma fraude e seu governo era uma zona movediça que não passava de uma máquina de corrupção combinada com um aparato repressivo ainda mais terrível que o de seu antecessor na cadeira de governador, José

---

<sup>6</sup> OLIVARES, Fernando Solana. “Viaje a Oaxaca”. In: “*Memorial de Agravios. Oaxaca 2006*”. Oaxaca: Marabu Ediciones, 2008.

<sup>7</sup> SANCHEZ, Sergio de Castro. *Oaxaca: más allá de la Insurrección. Crónica de un movimiento de movimientos (2006-2007)*. Ediciones Basta!. Oaxaca, 2009.

Murat<sup>8</sup>. De modo que não poderia acontecer de outra maneira: o governo do Estado ignorou de forma cínica a luta do movimento docente, procurando isolá-los frente à sociedade. Os *maestros*, então, convocaram uma greve indefinida que deixaria sem aulas a 1.300.000 estudantes. Mas junho chegou, e o impasse se transformou em conflito. Na madrugada do dia 14, com o plantão repleto de crianças e idosos, 3.000 homens da Polícia Estatal invadiram o acampamento para desocupar a praça. E tomou lugar uma batalha que foi vencida pela população da Cidade de Oaxaca. Atendendo ao chamado da *Radio Plantón*, emissora oficial do magistério, as pessoas saíram às ruas para defender os professores da violência policial: “*Por primera vez, oaxaqueños y oaxaqueñas de las más diversas condiciones se unieron sin la necesidad de ningún líder en contra de Ulisses Ruíz y su gobierno[...]las piedras y las barricadas hacían su primer acto de presencia em Oaxaca*” (SANCHEZ 2009; p. 55). A população da cidade, em defesa de seus professores, conseguiu repelir a ação policial: o Zócalo era totalmente do povo de Oaxaca, em que pese a invasão da *Rádio Plantón*, o roubo dos equipamentos e a detenção de seus trabalhadores. Oaxaca estava em conflito aberto, mas como fez questão de frisar Sanchez, o povo se unia sem a necessidade de um líder vociferando o que tinham de fazer.

E eles *sabiam* o que tinham de fazer. Uma das primeiras providências foi tomada no mesmo dia, pelos estudantes da *Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO)*: ao terem conhecimento da destruição da *Rádio Plantón*, partiram para tomar a *Radio Universidad*, cujas transmissões seriam um braço popular significativo na seqüência da luta em Oaxaca. Em seguida, a outra providência foi simplesmente virar o mundo de cabeça para baixo em Oaxaca, de acordo com Sanchez. Assim, a mobilização popular engrossou, diversificou e se radicalizou logo nos dias posteriores ao ataque policial. Paralisações coletivas, fechamento de rodovias e a tomada de edifícios governamentais como a Câmara dos Deputados, a Casa de Governo, a Procuradoria Geral da República, até que as esferas administrativas do Estado foram dissolvidas na capital, os burocratas afastados, a classe política despejada e a gestão da cidade passou às mãos do povo organizado: era uma vez a Comuna de Oaxaca.

---

<sup>8</sup>“*Durante los seis primeros meses de su mandato, Ulisses Ruiz encarceló a 120 personas por motivos políticos, así que lo que se venía encima no era sino una vuelta de tuerca más a la política repressora que el Gobernador había convertido en habitual respuesta ante las demandas sociales...*” (SANCHEZ, 2009, p. 55)

Nasce, junto com a Comuna, a *Asamblea Popular de los Pueblos de Oaxaca* - APPO. Verdadeira associação de movimentos, fundada em junho de 2006 e conformada por mais de 300 coletivos de todos os tipos e ideologias de esquerda, a APPO foi uma das expressões emblemáticas do movimento insurrecto em Oaxaca, sendo que do ponto de vista da macro-política, representou um momento de convalescência total do sistema político. O fato de que tantas organizações populares tenham aderido à criação de uma estrutura tão heterogênea é significativo: a população de Oaxaca tinha derrubado a classe de gestores e levado de forma avassaladora todos os edifícios administrativos. Era momento de assumir o controle político da cidade, e nesse vácuo de poder as diversas agremiações de esquerda aceitaram se unir dentro de uma organização para então disputar internamente como conduzir a luta política na Oaxaca liberada pelo povo.

Do ponto de vista da atuação política popular nas ruas, o protagonismo da APPO não se faz tão evidente quanto tentaram fazer crer suas lideranças e muitos observadores. Para Sanchez, isso é bem claro: o que precisa ser compreendido é se a APPO era o povo ou a sua dirigência. E se a APPO era sua dirigência, como muitos de seus membros tentaram impor durante toda a Comuna e mesmo após sua total dissolução, como recusar o protagonismo ao povo de Oaxaca, se desde as primeiras ações de fechamento de rodovias, paralisações e tomadas de prédios públicos, até o desenrolar do movimento, como a formação das barricadas e ocupação de TVs e Rádios, todas essas foram iniciativas diretamente populares e decididas à margem das lideranças? “...a ella (APPO) nos redujimos todos aquellos que escribimos sobre Oaxaca sin dedicar el tiempo necesario a conocer a esas otras gentes que, lejos de las estructuras organizativas de la APPO, se jugaron la vida en las calles un dia tras outro. La insurrección en Oaxaca estuvo protagonizada por el pueblo, **pero yo tardaria mucho tiempo en darme cuenta de que las categorías que se suelen usar para explicar este tipo de fenómenos no eran acordes con lo que estaba sucediendo.**” (SANCHEZ 2009, p. 57, grifos meus).

As barricadas, por exemplo, ilustram perfeitamente o que Sanchez quer passar. Com a contra-insurgência organizada por Ulisses Ruiz, os insurrectos de Oaxaca passaram a conviver com a ameaça constante de paramilitares, jagunços e caravanas da morte feitas por policiais do Estado. O perigo era constante: muitos casos de abuso, assassinatos e violência foram relatados em meio a esses momentos de puro terror. Como forma de proteção e resistência a essa ação covarde, diversos setores populares

passaram a se organizar em enormes barricadas erguidas nas ruas de Oaxaca. Era uma forma de se aglomerar, não se deixar surpreender e evitar que as caravanas da morte circulassem com facilidade. Também cada barricada se comunicava com a outra para informar a situação, e foi nesse cotidiano que os *barricaderos* associaram-se da forma mais horizontal possível e constituíram o setor mais radical da Comuna. Dali surgiram figuras públicas aglutinadoras e foram elaboradas ações mais contundentes contra as articulações de Ulisses Ruiz, fruto de um processo autogestionário e horizontal de tomada de decisões dentro das barricadas (Cf. SANCHEZ, 2009).

Categorias de análise mais afinadas com as estruturas verticais, próprias de uma organização marxista, jamais poderiam dar conta de interpretar o que acontecia em Oaxaca, levante cuja base ideológica era a organização *desde abajo* combinada com o assembleísmo característico dos *pueblos originários* (Cf. SANCHEZ, 2009). Muitos teóricos, jornalistas e dirigentes da APPO tentaram, ainda assim, aplicar esses conceitos a todo custo: no que se refere às barricadas, essas categorias de análise se revelaram um grande equívoco. De acordo com Sanchez, as barricadas irromperam no imaginário coletivo, ao lado das grandes marchas. Primeiramente um mecanismo de defesa contra as caravanas da morte, logo assumiram o caráter de espaço organizativo, “*en que se puso en práctica todo aquello por lo que se estaba luchando*” (SANCHEZ, 2009, p. 89). Rasgos de liderança passaram longe das barricadas de Oaxaca; estas, por meio das tomadas de decisões coletivas em seu cotidiano e da solidariedade entre os militantes que a compunham, fizeram com que o próprio processo de formação das barricadas se configurasse na construção de uma alternativa política e de um modo de vida comunitário muito próximo ao mundo que se queria construir através da luta (Cf. SANCHEZ, 2009)<sup>9</sup>. Em termos estratégicos, algumas barricadas, como a *Brenamiel* e

---

<sup>9</sup> Depoimento de *Drak*, da juventude *barricadera*, colhido por Sánchez:

*‘Las barricadas supusieron para nosotros el acercamiento a la gente ya que en estos seis meses fuimos muchas veces invitados a formar parte de sus barricadas. La relación entre la APPO y las barricadas fue de alguna manera dejada y aislada ya que por parte de la APPO no hubo una dedicación. Sin embargo, ellos han reconocido el valor que tienen en la resistencia. Los maestros eran la fuerza, pero quienes protegían a los maestros eran las barricadas. Fue así como se pararon a los escuadrones de la muerte y se evitaron muchas tragedias a pesar de que aún así tenemos como 25 muertos confirmados. Era la manera en que el pueblo podía participar del movimiento. Por la mañana el obrero tenía que ir a trabajar y ellos, al igual que las mujeres, después de sus quehaceres diarios, se pasaban noches enteras en vela resguardando una barricada, para volver a su trabajo diario a la mañana siguiente. Ellos no podían estar en un plantón o en marcha tras marcha, pero su participación era a través de su presencia en las barricadas. Así fue como el pueblo mantuvo el movimiento, y no tanto las organizaciones’. Drak era de los que había visto en la creación del Consejo Estatal una forma de democratización de la APPO frente al verticalismo de la Dirección Provisional:*

*Siete Cruces*, alcançaram uma resistência mais cerrada contra a invasão da PFP em novembro de 2006. Porém, e como era de se esperar, em breve essa forma de organização política bateria de frente com as dirigências da APPO, que temiam perder o controle do protagonismo da Comuna e, principalmente, da prerrogativa de negociar com os representantes do governo, nesse jogo de adulações que fazem com que até os mais bem-intencionados, se é que existem, se percam nos corredores do poder. Muitas cabeças da APPO se atiraram com afinco em direção à essa vala, e a divergência aberta entre *barricaderos* e dirigentes contribuiu para o enfraquecimento da Comuna.

Outro foco importante de atuação da insurreição de Oaxaca foi a batalha pela comunicação, ou como melhor define Sanchez, “*la batalla entre quienes luchaban por su derecho a contar lo que estaba sucediendo y aquellos que trataban de impedirlo a través de la violencia*”(SANCHEZ, 2009, p. 56). Desde o começo da luta, a *Radio Plantón* teve desempenho fundamental para informar a população sobre as jornadas do movimento docente em maio e junho de 2006, com boletins freqüentes, opiniões independentes e muita participação popular por meio do contato telefônico com a rádio. Após sua destruição pela polícia, a imediata ocupação da *Rádio Universidad* pelos estudantes da UABJO permitiu que o movimento seguisse dinâmico e fizesse contraponto às calúnias e omissão que as grandes empresas de comunicação dedicaram ao levante popular. Porque *Rádio Universidad* desempenhava um triplo papel: propagar informação independente, organizar o movimento por meio da comunicação em massa entre diversos setores populares e neutralizar a contra-informação dos oligopólios midiáticos<sup>10</sup>. Igualmente importante foi a tomada do *Canal 9*, rede de televisão e rádio do Governo do Estado. Em 1º de agosto de 2006, um grupo de mulheres convocou uma *cacerolada* no Zócalo e dali seguiu para as portas do conglomerado televisivo estatal,

---

—*Cuando todos formábamos parte directa o indirectamente de la APPO, sentíamos que faltaba algo: una integración por parte de todos y que no fueran las decisiones tomadas por una cúpula de dirigentes que hacían y decidían en nombre del pueblo. Así, comienza a haber un enojo por parte de las barricadas cuando ellos tratan de tomar unas decisiones que no les correspondían. Nosotros siempre acudimos a las convocatorias de la APPO, pero muchas veces en las reuniones que se convocaban en las colonias, la APPO los dejaba plantados. La gente les decía que cómo se atrevían a tomar decisiones en nombre de ellos cuando ni siquiera acudían a las reuniones a las que les convocaban. Pero esto lleva a que en la Asamblea Constituyente se vean reflejadas todas las voces. Importante es una colonia, una barricada, un sindicato, pero el peso del pueblo es mucho mayor. A partir de ese momento la balanza se pone a nivel y aquellos que antes no nos sentíamos reflejados a pesar de hacer todo el trabajo, tomamos más importancia*”. (SANCHEZ, 2009, p. 117)

<sup>10</sup>Para saber mais sobre a importância dos meios de comunicação alternativo para a luta em Oaxaca, recomendamos o documentário “*Un poquito de tanta verdad*”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ezA15AiWtE>

pedindo um espaço na programação para contar o que de fato estava acontecendo em Oaxaca. Frente à negativa da diretora do *Canal 9*, o grupo de mulheres tomou pacificamente as instalações e converteu um “*medio que supuestamente era del pueblo en medio realmente del pueblo*” (SANCHEZ, 2009, p. 61). Ao serem informados do ocorrido, dezenas de pessoas se dirigiram ao Canal 9 e formaram uma barricada em frente ao prédio, para impedir a retomada da programação pelo governo. Segundo Sanchez, a organização da televisão ocupada reproduziu as naturezas assembleárias do movimento oaxaquenho, e por isso sua estrutura foi horizontalizada e divididas em comissões onde qualquer um poderia participar. Por fim, sobre a batalha da comunicação deixamos as palavras muito bem colocadas de Sanchez: “*Pero el papel de los médios no era meramente el de transmitir una información tradicionalmente al alcance de la gente. Su papel, como lo fue el de Radio Plantón y lo sería el de Radio Universidad, era el de llevar a cabo labores operativas en el seno del movimiento.*” (SANCHEZ, 2009, p. 64).

Entre tantas narrativas que podemos extrair dos acontecimentos de 2006, e mesmo entre todos os conflitos internos, não se pode negar de forma alguma a influência que o exercício do político de acordo com as concepções índias de Oaxaca efetuou tanto nas entranhas da APPO quanto na vida nas barricadas da capital. Esse exercício político, enfim, que reivindica a democracia direta como forma de vida nas comunidades indígenas e na Comuna; postura que, de acordo com Sanchez, não se modifica conforme a conjuntura política, justamente por ser uma prática de vida. E que enxergava na APPO um “*movimiento cuya propuesta miraba mucho más allá de la salida de Ulisses Ruiz*”, conforme deixa claro o depoimento colhido por Sanchez, que reproduziremos integralmente para apresentar fielmente suas convicções:

“- *Queremos demostrar que frente al sistema neoliberal, en nuestros pueblos sí existe realmente la democracia. Nosotros no elegimos nuestros presidentes municipales a través de los partidos y las campañas electorales, sino que el pueblo decide quién será su representante con la calidad moral y que haya dado los servicios necesarios para representar al pueblo. Pero esse cabildo no tiene la facultad de decidir, sino que solamente acuerdan propuestas que deben ser aprobadas por la asamblea comunitaria. El Estado debe tener en cuenta estas formas de gobiernos populares. Y por eso, el pueblo indígena juega un papel muy importante al mostrar que no es necesario que unos cuantos tomen las decisiones sino que deben ser los pueblos (los que los hagan).*”



*Su propuesta, por tanto – analiza Sanchez-, buscaba un cambio sócio-político profundo, reflejo de las formas tradicionales de organización propias de los pueblos originários:*

*- Los indígenas jugamos un papel muy importante en estos momentos, porque nuestras reivindicaciones como pueblos indígenas son un ejemplo a nível nacional. Pensamos en lo que se busca es que no haya poder. Somos los pueblos de base, los dueños de esta tierra y debemos decidir nosotros cual és el rumbo que debe seguir Oaxaca y sus políticas económicas, culturales, etc. Dentro de la APPO hemos discutido mucho el que no se permita que la APPO sea dirigida por partidos políticos. No lo vamos a permitir. Somos nosotros, el pueblo, quien debe trazar el programa político discutiendo el rumbo que debe llevar una mejor política para el Estado de Oaxaca. Ellos ya tuvieron su oportunidad y no la supieron aprovechar.”<sup>11</sup>*

Ao final, o próprio depoente, César Luis Díaz, discorre sobre o terrível prognóstico para essas demandas, exatamente o que seria sofrido pela Comuna de Oaxaca: *“Las consecuencias son el encarcelamiento, la persecución y el asesinato. El gobierno ha comenzado una guerra sucia, pero para nosotros vale la pena morir luchando y no lentamente, porque a nosotros cada día el sistema nos va matando poco a poco.”* (SANCHEZ, 2009, p. 76). A Comuna refletiu a rebeldia como forma de vida e um processo cuja tomada de decisões cabe aos povos e não à dirigência. Em Oaxaca, foi a palavra do povo que abalou todo o circuito integrado pelo Estado, partidos políticos e as grandes empresas. Emparedou as dirigências sindicais e de outras organizações que tentaram, em vão, liderar a APPO, enquanto assistiram à insurreição que emanava das ruas. *“La mayoría de los y las que participaron en la insurrección nunca se integraron en ninguna estructura organizativa al uso. Su organización fue a través de colonias, barricadas o colectivos poco cercanos a la ortodoxia organizativa de otros espacios. De igual modo, al margen de las marchas, la casi totalidad de las acciones que emprendió el movimiento no surgieron de decisiones tomadas por la dirigencia.”*(SANCHEZ, 2009, p. 88)

Assim, logo atrás da violência descomunal executada contra a totalidade dos povos oaxaqueños, o segundo grande erro que envolve a Comuna foram as narrativas e interpretações quase uníssonas de jornalistas e intelectuais, comprometidamente engajados em descrever a Comuna a partir das estruturas verticais típicas das filiações

---

<sup>11</sup>SANCHEZ, 2009, p. 76. Depoimento de César Luis Díaz, militante índio de Oaxaca.

marxistas, dando voz às suas auto-declaradas lideranças, quando na verdade a base ideológica do levante era a organização desde a base e o assembleísmo próprio dos *pueblos originários* (Cf. SANCHEZ, 2009). O que ocorreu, portanto, é que esses “agentes” (jornalistas e intelectuais) dedicaram um tom oficial às declarações de determinados personagens que serviram muito mais a um instrumento do Estado como voz ativa do movimento popular. A postura nas negociações foi um desses momentos; os pedidos para o desmonte das barricadas em momentos agudos do levante foi outro. Intencional ou não, foi irresponsabilidade, omissão e covardia desses setores.

Para Sanchez, trata-se de um reducionismo que emerge com certa frequência em grandes levantes sociais. No caso, classificar a APPO como um conglomerado de organizações torna mais fácil o trabalho de relatá-la ou emular uma compreensão – a despeito de se descolar totalmente dos próprios fatos. Esse é o milagre da democracia representativa: oficializa-se um discurso para determinada luta, privilegiando sempre o topo da estrutura organizativa. Às bases cabe apenas o papel “político” de eleger seus delegados, o que, no caso de Oaxaca, bate de frente com o próprio discurso de que a APPO era todos os seus membros. Mas isso é pouco: o fato é que a maioria das ações e deliberações, frutos do assembleísmo que caracterizou a Comuna de Oaxaca, foi protagonizada por grupos e indivíduos que estavam à margem de qualquer organização hierárquica (SANCHEZ, 2009, p. 164). O que significa que a Comuna de Oaxaca estava não só além da simples perspectiva de expulsar do poder a triste figura de Ulisses Ruiz; estava além da própria modelo partidário que define o que é e como deve se organizar um movimento social – ou seja, a partir de uma estrutura organizativa e baseada na representação e delegação de poder. Ora, a essência da Comuna solapou essas concepções: do contrário não haveria o assembleísmo como principal processo de tomada de decisões, a auto-organização nas ruas e barricadas e a tomada dos edifícios públicos-administrativos, bem como o espraiamento da comunicação horizontal por meio da ocupação da *Radio Universidad* e do *Canal 9*. Mas isso é muito mais complexo, e descomplexificar um movimento social é tática imprescindível dentro da estratégia de desqualificar e reduzir um momento de insurreição popular radical.

Por isso, estamos de acordo com Sanchez quando ele repassa a tese defendida por muitos ativistas que vêem a APPO e o levante em Oaxaca como um **movimento de movimentos**, onde “*las estructuras organizativas o directivas no representan para esta concepción más que un intento de dar una forma concreta a aquello cuya esencia es en*

*realidade múltipla y compleja*” (SANCHEZ, 2009, p. 164). Por esta perspectiva, podemos ver a batalha em Oaxaca a partir das iniciativas tomadas nas ruas da capital, e não nos escritórios e salas de reuniões de burocratas pretensamente de esquerda. É uma concepção, portanto, que prefere ver a profundidade radicalizada do movimento, privilegiando o seu caráter plural e horizontal; o que significa, em outras palavras, dar mais importância à luta do povo e não àqueles que pretendiam representá-lo (Cf. SANCHEZ, 2009). Esse ângulo também não reduz a luta em Oaxaca ao ano de 2006, mas sim enxergando um longo fio condutor que vem de muito antes, a partir da vida comunitária dos *pueblos originários* e segue até os dias de hoje. As diversas tentativas de reorganizar a luta a partir de um caráter horizontal é um exemplo; porque, como afirma Sanchez, a realidade não é unívoca, e assim podemos aceitar com mais facilidade que a luta social é incontrolável, externa às decisões de uma elite – partidos políticos e entidades sindicais à frente – que dizem nos representar (Cf. SANCHEZ, 2009).

Por fim, os abalos provocados pela Comuna de Oaxaca atingiram em cheio o processo eleitoral, na forma como este procura se apresentar: como a única alternativa possível para o povo conquistar a transformação social. As eleições ocorridas em 2007, imediatamente após a “normalização” do cenário em Oaxaca, foram marcadas por profundas divergências entre os coletivos que compunham a APPO. Ainda assim, foi aprovado e recomendado um voto de protesto contra os aliados de Ulisses Ruiz, em que pese nunca ter ficado claro se este voto de castigo se dirigia apenas ao PAN e o PRI, ou se também deveria alvejar o PRD, que ainda se colocava como centro-esquerda e cujo alguns correligionários se instalaram estrategicamente dentro da APPO. Da altíssima abstenção no dia da eleição – e a conseqüente vitória de Ulisses Ruiz -, podemos concluir que o povo de Oaxaca claramente rejeitava a eleição de representantes como um sistema capaz de transformar as instituições sociais – esta sim, sua verdadeira demanda. Mesmo com grupos trabalhando “por dentro” do movimento para perpetuar o sistema eleitoral como a única alternativa possível. Novamente recorremos a Sanchez para obter um retrato fiel daquele momento em Oaxaca:

*“Pero precisamente la insurrección de 2006 lo que produjo fue una serie de iniciativas de lucha que, desde lo local, desde lo horizontal, desde el contexto particular de cada quien y con los tiempos adecuados, si es posible que las cosas cambien. El error, producto del adoctrinamiento ideológico al que somos sometidos, quizá sea el creer que los cambios se deben dar de un día para otro; que si nos es así, la lucha está destinada*

*al fracaso. Si caemos en la cosmovisión de la modernidad neoliberal, de la cual forma parte una concepción del tiempo precipitada y “cortoplacista”, no solo veremos la gente incapaz de dirigir sus propios pasos sin alguien que les guíe, sino que también mediremos el éxito de la lucha en los tiempos y las categorías de aquello contra lo que se lucha. ‘Caminamos lentos porque queremos llegar muy lejos’, acostumbraba a decir el antropólogo mixe Floriberto Díaz. Quizá ése sea el esquema interpretativo desde el cual analizar si es posible la lucha al margen de los tiempos electorales y las reformas oscuras y precipitadas que tratan de imponer a la conciencia política del pueblo una forma de verdad social. La recuperación de este espíritu de lucha, amplificado y extendido a través de los meses de insurrección popular, era reclamado por un escrito de VOCAL (coletivo formado por militantes, logo após a Comuna) en el que bajo el título “Sacar al gobierno de nuestras vidas. No esperaremos otros 500 años para conseguir nuestra liberación”, VOCAL hacía pública su posición ante los comícios que se avecinaban.” (SANCHEZ, 2009, p. 201, grifos meus)*

Ao levar à frente uma luta medida por suas referências próprias de tempo e de concepções políticas, a população de Oaxaca avisou que não se encaixaria nas “categorias daqueles contra quem se está lutando”. O que significa que a Comuna não foi pautada por análises de conjuntura, por estratégias de negociação, e tampouco se moveu por meio de objetivos táticos de conveniência imediata. Não havia esse tipo de objetivo: o horizonte do povo oaxaquenho em rebeldia era criar outra ordem política na cidade, nada mais. “*Así pues, no es la APPO, sino Oaxaca.*” (OLIVARES, 2008, p.15)

### **A dissolução da Comuna de Oaxaca.**

O ano de 2006 escreveu uma página tenebrosa na História Mexicana. Marcado com o início da Outra Campanha zapatista, o ataque violento à população de Atenco, em maio de 2006, foi o primeiro abalo: uma série de abusos e violações de mulheres pela Polícia do Estado do México: Atenco é um crime de Estado ainda à espera de justiça. As eleições presidenciais tiveram um resultado absolutamente questionável, em que se colocaram dúvidas sobre a vitória do candidato do PAN, Felipe Calderón. Os protestos acusando fraude na eleição foram intensos, mas não suficientes para reverter o resultado “oficial”. Em meio a isso, irrompe a Comuna de Oaxaca, que expulsou da capital o governador Ulisses Ruiz, filiado ao PRI. Os observadores e comentaristas convergem ao analisar que, fragilizado pelos questionamentos de fraude na eleição, o

governo “eleito” do PAN, encabeçado por Felipe Calderón, tinha consciência da necessidade de agregar apoio político para um início de mandato que prometia ser muito turbulento. E costurou nos bastidores um acordo com o PRI, prometendo solucionar o “problema Oaxaca” e reconduzir Ulisses Ruiz ao comando do governo. Em troca, o PRI sustentaria o apoio à Calderón desde a posse do novo presidente.

Antes mesmo de selado o acordo PRI-PAN, as estratégias de contra-insurgência orquestradas por Ulisses Ruiz se encarregavam de levar a cabo a guerra suja. À articulação entre caravanas da morte, paramilitares e assassinos que estavam a serviço do governador, se associavam as difamações propogadas pela *Radio Ciudadana*, emissora criada pelo governo e que acusava a APPO de atrocidades desumanas, além de outras mentiras como divulgar que os professores da Seção XXII tinham AIDS e estavam nas ruas estuprando mulheres para espalhar o vírus (Cf. SANCHEZ 2009). Esse foi o nível atingido pela estratégia de contra-insurgência e que, claro, provocou efeitos nocivos dentro da população. Some-se à isso a derrubada do sinal da *Radio Universidad* e o tiroteio que atingiu as antenas do *Canal 9*, cortando as artérias de comunicação dos insurgentes e fazendo com `que o governo tivesse larga vantagem na batalha da “informação”. Dezembro se aproximava, e com ele a troca no Poder Executivo. Os extortores da presidência de Vicente Fox ficam na História como a vergonha e a covardia de um governante, cujo último ato significativo foi ordenar o envio da Polícia Federal Preventiva, no final de outubro de 2006, para a cidade de Oaxaca, tendo a missão de solucionar o “impasse” e “pacificar” o Estado.

No dia 27 de outubro a primeira ação de desocupação foi executada: em conjunto, a polícia e grupos paramilitares mataram cinco pessoas: um foi assassinado pelas costas, Emilio Alonso Fabián, quando tentava fugir; outro era um militante do Indymedia estadunidense, Brad Will, que filmou sua morte e seus assassinos – a Justiça no entanto, os liberou por falta de provas (Cf. SANCHEZ, 2009). Em Santa María Coyotepec, os paramilitares se camuflavam no meio do pasto, caçando pessoas identificadas com o levante. Assim caíram Esteban Zurita e Eudocia Oliveira, seus corpos deixados na rua enquanto o governo alegava que as barricadas impediam a circulação de ambulâncias. Reproduzimos a seguir alguns testemunhos colhidos pelo “*Informe sobre los hechos de Oaxaca*” (2007), preparado pela *Comisión Civil Internacional de Observación por los Derechos Humanos* e também compilados no relato de Sérgio Sanchez:

*“Después de las 21:00 horas se informó que en Santa María Coyotepec fueron detenidos 20 profesores, de los cuales 13 estaban heridos de bala y fueron hacinados en la cárcel municipal [...] Esta noche, además, la policía finalmente rompió el plantón permanente en la casa de gobierno y oficinas de la policía estatal, en Santa María Coyotepec, donde después de desalojar a los profesores y simpatizantes de la APPO incendiaron vehículos y persiguieron a los plantonistas en el monte [...] Nos quisimos replegar en orden hacia los lados y hacia nuestro campamento, pero en ese momento oímos un cohete y la balancera se generalizó. Disparaban de todas las direcciones. En esse momento supimos que había caído un poblador, el señor Esteban Zurita. Corrieron el rumor que nosotros lo habíamos matado y el pueblo se enardeció. Se fueron contra nosotros con armas largas, machetes. Ya no fue posible el repliegue ordenado, huíamos en debandada por la carretera [...]*

*Me percaté de que los tiros no salían solamente del pueblo, sino de los cerros. Había francoatiradores por todos lados. En esa carretera a 500 metros de plantón, cayó Emilio Alonso Fabián, jefe de educación indígena de la zona 22 con sede en Pochutla [...] El párroco de San Bartolo, quién varias veces intentó entrar en Santa María, considera que en esse pueblo “tuvo éxito la estrategia del gobierno de voltear la voluntad de la población contra los maestros”. Por eso, la noche del viernes los maestros intentaron huir por el monte y los pobladores se lanzaban en plan de cacería trás ellos. También se supo que vários heridos no fueron presentados a la Cruz Roja, sino sacados por atrás de la comisaría y subidos en un camión de volteo. En horas de la madrugada se vio una caravana de vehículos sin luces salir del pueblo. Llevaban 17 detenidos que fueron ingresados en la cárcel de Miahuatlán, a dos horas de distancia.*

*Muchos maestros se refugiaron en casa de vecinos de Santa María, pero luego los entregaron a la policía. Se cree que algunos todavía están allí, secuestrados. Un habitante fue detenido y acusado de homicidio por insistir en proteger a los maestros. Hoy en la madrugada el presidente municipal ordenó quemar las pertenencias de los maestros, incluso vários modestos coches.” (SANCHEZ, 2009, p.80)*

A violência brutal tem também como objetivo impor o medo e, com isso, impedir que a maioria das pessoas denuncie o que verdadeiramente ocorreu; nunca saberemos quantos caíram nesse triste e inesquecível dia de ataque sanguinário. Como se isso não bastasse, Ulisses Ruiz lançou mão do uso de forças paramilitares e

assassinatas para justificar seu pedido de intervenção federal para “restabelecer a ordem e a paz em Oaxaca” (Cf. SANCHEZ, 2009). A velha tática de disseminar “conflitos comunitários locais” para então empregar a força policial como “recurso de apaziguamento social” era novamente posta em cena. Por “coincidência”, um grande efetivo da Polícia Federal Preventiva já estava alojada nos arredores do aeroporto de Oaxaca, esperando a resposta positiva de Vicente Fox ao pedido de Ulisses Ruiz: no dia 29 de outubro, 4.500 elementos da PFP marcharam rumo ao Zócalo da capital. Gás lacrimogêneo, armas, tanques equipados com canhões de água e tinta para marcar quem resistia à repressão e três mortos: Jorge Alberto López Bernal, Fidel Sanchez García e Roberto Hernández López. Com detenções e desaparecimentos em larga escala, o Zócalo de Oaxaca era tomado definitivamente pela PFP.

Esta ação de desocupação não significou o fim da insurreição popular em Oaxaca. O povo se mudou para a Cidade Universitária e também se instalou na Praça de Santo Domingo, a quatro quadras do Zócalo da cidade. E então o objetivo da repressão passou a ser a Cidade Universitária e principalmente desalojar a *Radio Universidad* e as barricadas que a protegiam. No dia 2 de novembro, a PFP lançou um ataque surpresa, contando com helicópteros e efetivo terrestre para invadir a UABJO (violando a sua autonomia) e destruir a *Radio Universidad*, que prontamente enviou um chamado à resistência contra o ataque do aparato policial. Milhares acudiram: por mais de 7 horas, a população de Oaxaca travou aquela que ficou conhecida como a “Batalha de Todos os Santos”; no final, conseguiram vencer e expulsar as forças da PFP. Sanchez chama a atenção para a postura novemente dúbia da dirigência da APPO, que não se prontificou a defender a Cidade Universitária e posteriormente tentou colher os louros da vitória. A “Batalha de Todos os Santos”, para além de seu caráter épico, é a própria expressão do que foi a Comuna de Oaxaca em sua essência: o povo, à margem da dirigência, se organizou e atuou segundo seus próprios critérios, fazendo da luta popular sua opção de vida. Segundo Sanchez, a auto-organização e o espírito combativo que derrotou a PFP partiu novamente das barricadas – nessa batalha, principalmente as barricadas de *Soriana*, *Brenamiel* e *Cinco Señores* (esta última, a mais próxima da Cidade Universitária e também conhecida como a “Barricada da Morte”, por cobrir cinco intersecções do tráfego mais pesado da cidade).

Em *Cinco Señores*, essas vias estavam fechadas por ônibus queimados, rodas, pedras, lâminas metálicas. Carrinhos de supermercado cheios de pedras e garrafas de

vidro para fabricar coquetéis molotov eram as ferramentas disponíveis para enfrentar os ataques de grupos armados que constantemente agrediam as barricadas. Jovens, crianças, máscaras, *pasamontañas*. A face mais conhecida da população pobre de Oaxaca. Das barricadas emanava o processo mais radical de resistência e organização popular, e isso era justamente o que mais irritava a dirigência da APPO: eram ingovernáveis, impossíveis de controlar. *“Algo muy parecido había ocurrido el 29 de octubre cuando la PFP entró en el Zócalo. Pero dado que la dirigencia de la APPO supo de antemano lo que iba a ocurrir, pudo “controlar” la reacción de la gente. El día 2 de noviembre, como en tantas ocasiones, el ataque de la PFP llegó por sorpresa, y el pueblo tuvo que organizarse por si mismo”* (SANCHEZ, 2009, p. 88).

Agressões e denúncias de violações sexuais passaram a ser uma constante em novembro de 2006 (Cf. SANCHEZ, 2009). Nesse contexto foi celebrada a Assembléia Constituinte da APPO, nos dias 11 e 12 desse mês, que vieram a reforçar as influências da forma de organização comunal dos *pueblos originários*. A APPO, pelo menos em seus encontros e documentos oficiais, se aproximava cada vez mais de grupos libertários e indígenas, em que pese a contradição de muitas decisões fugirem dos consensos e reproduzirem as práticas do marxismo-leninismo e a verticalidade rígida dos grupos estalinistas (Cf. SANCHEZ 2009). Essas contradições, segundo Sanchez, nada mais eram do que o reflexo do próprio desgaste desses modelos verticais entre a população urbana: a dirigência da APPO, pelo menos no discurso, procurava exhibir-se em harmonia com uma população que, cansada das estruturas da democracia burguesa, se auto-organizou nos bairros e nas barricadas.

Entre a violência constante e as intensas discussões internas, a insurreição de Oaxaca chegou ao trágico 25 de novembro, o dia da megamarcha convocada para cercar o Zócalo e a PFP por 48 horas. A provocação era eminente, e próximo a Santo Domingo alguns jovens responderam a um apedrejamento vindo de algum edifício no centro da cidade. Estava armado o golpe de misericórdia para acabar de uma vez por todas com a insurreição. Chuvas de bombas, nuvens de gás, golpes, ambiente intoxicado e muitos feridos, assim começava a ser escrita mais uma página dolorosa na História Mexicana. A Polícia Federal avançou suas posições, bombas foram jogadas do alto de edifícios, a multidão dividida entre seguir o enfrentamento dentro da cortina de gás ou sair do centro o mais rápido possível. Na medida que a PFP assumia uma posição de encurralamento, todos sabiam que precisavam fugir. Era o começo de uma *caçada* que



se prolongaria noite de terror adentro: os policias invadiam casas à procura de insurgentes, enquanto a *Radio Ciudadana* convocava as pessoas a divulgar publicamente os endereços dos domicílios de quem tinha se envolvido no levante para acabar com os “*appos*” (Cf. SANCHEZ, 2009). Em meio à caçada que policiais e membros do PRI faziam atrás de militantes, vários edifícios públicos ardiam em chamas, e nelas desapareciam para sempre documentações que poderiam levantar suspeitas sobre o governo de Ulisses Ruiz.

Descreve Sanchez: “*la noche se convirtió en una caza de brujas. A las detenciones arbitrarias y los cateos ilegales en las casas se sumaron balaceras y desapariciones. Cerca de la Facultad de Medicina, varios estudiantes fueron acribillados con armas largas mientras trataban de refugiarse en sus instalaciones huyendo de los grupos paramilitares que los perseguían. Los cuerpos serían recogidos por la policía y hechos desaparecer. El día en que en rueda de prensa se denunciaba todo lo ocurrido, se producía otra balacera y varios estudiantes eran de nuevo levantados por los agresores. La APPO hizo público que la noche del 25 tres personas habían fallecido y 20 habían resultado heridas por impacto de bala.*” (SANCHEZ, 2009, p 104)

A Secretaria de Governo, na Cidade do México, declarou que a “parte crítica do conflito estava solucionada”; enquanto isso, em Oaxaca, a polícia invadia as escolas públicas do Estado e levava a golpes os professores da Seção XXII, “*ante el panico de sus alumnos*” (SANCHEZ, 2009, p. 106). No dia 29 de novembro, a presença física do movimento nas ruas de Oaxaca já não mais existia. O movimento passava para uma nova etapa: abandonaria momentaneamente suas demandas para se concentrar na libertação dos presos políticos (Cf. SANCHEZ, 2009). O magistério de Oaxaca informou que em 72 horas, a partir de 25 de novembro, 250 pessoas haviam sido presas, e somente no dia 29 de novembro a Comissão Nacional de Direitos Humanos conseguiu acessar 17 detentos. Estavam severamente machucados; dois tinham perfuração nos pulmões. 141 pessoas presas foram transferidas à penitenciária do Estado de Nayarit, a 1.100 km de Oaxaca, sem direito à visita familiar<sup>12</sup>. Vieram à público denúncias de agressões, abuso sexual, estupro, mutilação e tortura na ação policial. Ulisses Ruiz

---

<sup>12</sup> A Secretaria de Segurança Pública Federal alegou “perfil de alta periculosidade” para justificar a transferência. Quanto a isso, o governador de Nayarit, Ney Gonzáles, foi bem direto no que diz respeito à sua política para resolução de conflitos sociais: “*cuando se combate un cáncer, hay que encapsularlo, no derramarlo por todo el país*”. (SANCHEZ, 2009, p. 108).

afirmava que 80% dos presos eram inocentes – o que significava, na verdade, afirmar que alguns presos políticos (!!!) tinham culpa pela barbárie. Até o fim de 2006, a maioria dos presos políticos foi posta em liberdade, mas antes foram obrigados a assinar uma confissão de culpa nos acontecimentos de 25 de novembro. Existiram casos, ainda mais estranhos, em que o próprio Governo de Oaxaca pagou a fiança dos presos. Os protestos e marchas em solidariedade seguiram. O ano de 2007 começaria com mais detenções, enquanto mais relatos pavorosos eram conhecidos. Frente a tanto horror, segue a conclusão do “*Informe sobre los hechos de Oaxaca – V VISITA – 2006/2007*”, preparado pela *Comisión Civil Internacional de Observación por los Derechos Humanos- CCIODH*: “*La comisión considera que los hechos ocurridos en Oaxaca son un eslabón de una estrategia jurídica, policíaca y militar, con componentes sicosociales y comunitarios, cuyo objetivo último es lograr el control de la población civil en zonas donde se desarrollan procesos de organización ciudadana o movimientos de carácter social no partidista*”. (CCIODH apud LAPIERRE, 2008, p. 15)

Segundo o balanço documentado pela CCIODH no “*Informe sobre la situación de los derechos humanos en Chiapas, Oaxaca y Atenco - VI Visita- 2008*”<sup>13</sup>, ocorreram 26 assassinatos durante o conflito magisterial e popular de 2006. Entretanto, após a dissolução da Comuna novas atividades repressivas foram executadas, resultando num total documentado de 62 mortes, entre junho de 2006 (estalido do levante) e abril de 2008 (em que a repressão ao movimento ainda operava em plena atividade). Afirma o relatório da CCIODH: “*La brutalidad policial y las detenciones arbitrarias e irregulares han continuado, así como las denuncias por tortura, cuestionando profundamente el respeto a los derechos constitucionales referentes al debido proceso judicial y a la reparación del daño de aquellas personas detenidas que pudieron demostrar la ilegalidad de su detención. Este abanico de abusos a los derechos humanos, como ya anunciamos en las conclusiones provisionales en rueda de prensa en la Ciudad de Mexico, nos situa en un contexto no muy lejano al de la guerra sucia de los años 70.*” (CCIODH, 2008, p. 216). Anos depois do levante popular de 2006 seguiram, portanto, novos casos, digamos que já sedimentados dentro da instalação de uma política de Terror de Estado: homicídios, desaparecimentos forçados, torturas, detenções arbitrárias e fabricação de delitos, prisões políticas, estupros, seqüestros,

---

<sup>13</sup> Comisión Civil Internacional de Observación por los Derechos Humanos, “*Informe sobre la situación de los derechos humanos en Chiapas, Oaxaca y Atenco - VI Visita- 2008*”. Barcelona, 2008

exílio forçado de Oaxaca, estratégias de intimidação familiar e de impacto psicossocial e negação de acesso ao Sistema Judiciário. Populações específicas, como indígenas, lutadores sociais, ativistas dos direitos humanos, jornalistas, mulheres e menores de idade também relataram à CCIODH abusos sofridos após a Comuna. Povos indígenas são alvo de dupla agressão física, i) sofrendo interferência em seus processos autônomos de organização do poder político e das autoridades eleitas nas comunidades e ii) perdendo recursos naturais, como terra, água e plantações, saqueadas pelo Estado com a justificativa de implementação de megaprojetos de desenvolvimento econômico da região. Em suma, afirma o relatório da CCIODH, as agressões são consequência do enfrentamento do aparato estatal contra as práticas de autonomias regidas pelos *usos y costumbres* dos povos tradicionais, costumes estes reconhecidos constitucionalmente pelo Estado. Um dos objetivos da repressão brutal é semear o trauma profundo entre quem milita e luta por justiça social. A dor causada pelo aparato repressor, as perdas, as torturas e as prisões invariavelmente causam um refluxo nos movimentos sociais, fragilizados pelas estratégias de contra-insurgência. No que se refere ao movimento docente de Oaxaca, após a dissolução violenta da Comuna houve uma estratégia articulada de desmobilização do movimento, por meio da perseguição, assédio, ameaças e prisões de professores envolvidos no levante popular, como consta no já mencionado “Informe sobre los hechos de Oaxaca – V VISITA – 2006/2007 – CCIODH”<sup>14</sup>. Ameaças à população, instigando para que ninguém se alinhe aos professores, bem como agressões públicas dentro das escolas compuseram a estratégia de semear o medo, o terror e o silêncio:

*“Tengo unos niños, dicen, ‘yo ya no quiero ir a la escuela porque van a venir los policías y me van a echar gás, yo me voy a desmayar, me van a llevar...’ son niños de ocho, siete ocho años, o sea, que ya están llenos de terror, porque esos policías no conformes con ir a las colonias (bairros ou distritos) se van a meter a la escuela, sacar a los maestros, que de alguna manera participaron y ampliamente de la movilización.”* (CCIODH, 2007, p. 126)

Assassinatos, torturas, violações e estupro também estão documentados no mesmo relatório, revelando a macabra realidade em que se transformou o procedimento padrão da Polícia Federal Preventiva:

---

<sup>14</sup> Comisión Civil Internacional de Observación por los Derechos Humanos, “Informe sobre los hechos de Oaxaca”, Quinta Visita. Barcelona, 2007.

*“Pero en eso, taparon la calle y estaban con los rifles, pero veíamos cómo entraban, no? A sacar a las compañeras, que las agarraban de los cabellos, y las iban arrastando. Y ahí, ahí en la puerta de la escuela, frente a nosotros, les bajaron los pantalones a dos compañeras y ahí, pues las violaron a las compañeras y lo que nos gritaban los policías: “Órales perras, griten como gritan en las marchas...griten ahora. Y ustedes miren lo que pasa a sus viejas”. Sí, o sea, fue algo salvaje, no?[...] Entonces, este, de veras estamos muy enojados por todo lo que les pasó a nuestras compañeras, no sé, no conosco el nombre de las compañeras, no sé quienes son, pero estuvo muy mal eso. Así es.”* (CCIODH, 2007, p. 122).

*“Las cosas se destruyen, las cosas se sostienen”,* escreveu Fernando Solana Olivares sobre os acontecimentos em Oaxaca. Seguramente está dando conta de um sentimento muito comum entre quem esteve no movimento naqueles dias. As coisas se sustentam na memória compartilhada por muitos, e assim está a salvo a História da Comuna de Oaxaca. Esta será sempre mais um capítulo da eterna vitória moral, *“que eso han sido siempre los levantamientos populares contra los tiranos”* (OLIVARES, 2008, p. 17)<sup>15</sup>. Assim, encerramos com Georges Lapierre:

*“...Eu vi na Comuna um desafio ao poder. Essa rejeição ao poder não estava limitada a Ulises Ruiz Ortiz...Essa rejeição tocava todo um mundo, era um desafio ao Império. Uma grande parte da população indígena e mestiça endireitou-se e ergueu a cabeça para desafiar mais uma vez o Império mercadológico, como tinha feito alguns anos antes a população indígena de Chiapas - a rebelião é endêmica de Michoacán a Chiapas e toca todo o sudeste do México...a rebelião indígena de Chiapas, a insurreição da população de Oaxaca não representa apenas o começo heróico de uma dignidade social naufragando e condenada fatalmente a desaparecer, elas são um começo, que não prevê o futuro. Essas lutas não são apenas reações epidérmicas do corpo social à brutalidade capitalista, elas tem raízes na duração, elas não obedecem à urgência do momento mas à paciência daquilo que se constrói, à obstinação da idéia, à teimosia de um projeto que tende à realização.”*

(Georges Lapierre, *La Comuna de Oaxaca*)<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> *“Es reconfortante saber que la historia inmediata de tal modo se consigna, pues entonces, pase lo que pase, está salvada para la memoria común. Quién recordará en cambio al oscuro Ulises?”* (OLIVARES, 2008, p. 17)

<sup>16</sup> Lapierre, Georges, *La Comuna de Oaxaca*. Paris: Rue des Cascades, 2008, p. 19. Tradução nossa.